

VIOLÊNCIA, CORPO SUPPLICIADO E RELAÇÕES DE GÊNERO NO ROMANCE ESCRAVA ISAURA DE BERNARDO GUIMARÃES

VIOLENCE, TORTURED BODY AND GENDER RELATIONSHIPS IN NOVEL ESCRAVA ISAURA OF BERNARDO GUIMARÃES

Márcia Maria de Medeiros
Tânia Regina Zimmermann

Resumo: Na pesquisa, analisamos formas de violência na obra *Escrava Isaura*, do escritor brasileiro Bernardo Guimarães. Com foco nas relações de gênero, buscamos algumas representações sobre o status social de certos personagens, dando especial ênfase a narrativas sobre Isaura e Álvaro. A constituição da figura masculina e feminina na novela tende a naturalizar os estigmas alinhados nas relações de classe e de gênero. A posse de violência é duplamente legitimada para o personagem de Álvaro porque ele sustenta escravos e acredita que sobre o corpo feminino é possível exercer o suplício, pois para ele não há limites para o exercício da violência múltipla. Mesmo que nem todo o homem tinha a posse da violência legítima, ela estava sendo tolerado pela sociedade, então. Mas linhas de fuga são construídos para a personagem Isaura contestando sua condição de classe e de gênero vitimizadora.

Palavras-chave: Violência. Escravidão. Literatura. Gênero

Abstract: In the survey, we analyze the ways of violence and masculinity in *Escrava Isaura*, a Brazilian writer Bernardo Guimarães. With a focus on gender relations, we seek some representations about the social status of certain characters, giving special emphasis to narratives about Isaura and Alvaro. The constitution of the male and female figure in the novel tends to naturalize the stigmas aligned in relations of class and gender. Possession of violence is doubly legitimized for the character of Alvaro because he holds slaves and thinks about the female body, there are no limits to the exercise of multiple violence. Even though not every man has the possession of legitimate violence, she was being tolerated by society, then. But lines of flight are built for the character Isaura contesting their status as class and gender victim.

Keywords: Violence. Slavery. Literature. Gender

A relação profícua entre a história e a literatura traz um caleidoscópio de novas representações e a isso se somam as configurações de gênero que são perpassadas por processos diversos entre os quais as posições assumidas pelos personagens apontam para modelos de comportamentos de determinado período histórico. Destarte nos interessa de sobremaneira perceber se as relações de gênero e a violência no romance *Escrava Isaura* instituem e reforçam situações conflitantes nas quais as mulheres pré-figuram como vítimas.

É Durval Muniz que aqui analisa as distâncias entre a História e a Literatura no ocidente em relação ao gênero discursivo historiográfico:

A História seria o discurso que fala em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista. A Literatura estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência com a prevalência do intuitivo, do epifânico. Só com a Literatura ainda se pode chorar. A História masculinamente escavaria os mistérios do mundo exterior, iria para a rua ver o que se passa; a Literatura ficaria em casa,

perscrutando a vida íntima, o mundo interior, femininamente preocupando-se com a alma. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 49)

Porém, a aproximação entre a História e Literatura oferece ao historiador uma parceria para a inventiva narrativa do passado. Para Durval Muniz, não é preciso temer a narrativa literária, pois podemos caminhar com ela. Ao unir a História e Literatura estabelece-se uma excelente cooperação entre si. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007).

Então, ao alargar o entendimento sobre as fontes históricas ganhamos as páginas literárias e delas podemos agora ampliar as análises em torno de sensibilidades, de vivências pessoais e coletivas que dificilmente de outro modo nos chegaria à compreensão da história. Mas da ficção isso é possível? Segundo Roger Chartier, devemos entender que as narrativas que concebemos como literatura existem enquanto discursos. Estes são resultados de práticas que pressupõem sistemas de representação¹ nos quais se pode observar vários códigos como os temas, regras, meios de circulação, interesses institucionais, etc. Uma abordagem a partir destas observações consistiria em compreender o discurso, pois a partir dele pode-se reconstruir alguns sistemas de representação como os que aqui propusemos em relação a masculinidade.

Mas como usaremos a noção de discurso? Para Joan Scott: O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta. (...)” (1998, p. 115). Isto quer nos dizer o que ? O discurso é um instrumento de orientação do mundo, ou seja, quase tudo que vivemos é permeado pela linguagem, ou seja as palavras assim como os atos e artefatos também querem nos dizer alguma coisa. Então, o discurso se faz por meio da produção de significados. Destarte, as relações de gênero estão permeadas por esta noção de discurso.

Ainda completamos esta noção de discurso com os estudos de Foucault (2000) nos quais as práticas discursivas podem se apresentar como um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. Também é entendido como um conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação e, é assim que se pode falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico.

As práticas discursivas como um conjunto de regras anônimas e históricas estão inseridas no tempo e no espaço e por isso definem em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística as condições de exercício da função enunciativa. Estas práticas possuem regras próprias estabelecendo relações para que certos objetos apareçam e se fale deles. “[...] não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época”. (2000, p. 124-136) Esta última premissa de Foucault é corroborante nas pesquisas que atribuem significados as narrativas literárias.

Para tanto concordamos com Kramer ao afirmar que a literatura nos possibilita “(...) formas alternativas de conhecer e descrever o mundo e usa a linguagem imaginativamente para representar as ambíguas e imbricantes categorias da vida, do pensamento, das palavras e da experiência”. (1992, p.158) Destarte, concordamos que a obra literária exprime imaginários de uma época. Para Sandra

¹ Por representação usa-se a acepção de Chartier, ou seja, como determinada realidade social que é construída, pensada e dada a ler. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro : Bertrand do Brasil, 1990, p.17

Pesavento, o imaginário seria a janela capaz de abrir-se “à recuperação das formas de ver, sentir e expressar o real de tempos passados”. (2006, p. 14) Estas assertivas serão corroborantes na pesquisa que segue.

A Escrava Isaura é um romance do escritor mineiro Bernardo Guimarães (1825-1884) que teve sua edição publicada em 1875, pela Casa Garnier no Rio de Janeiro. O autor era formado em Direito e exerceu atividades como juiz, professor e jornalista. Ele frequentava o círculo de escritores do romantismo, dentre os quais constavam nomes como o de José de Alencar.

Esta obra foi editada durante campanha abolicionista no Brasil e Guimarães intencionou uma proximidade dos leitores para com as agruras vividas pela escrava Isaura revelando em parte as mazelas do regime escravocrata. A personagem Isaura em seu comportamento e educação não se diferenciava das damas da sociedade, mas, por ser escrava, foi representada como objeto a disposição de alguns homens escravocratas. Ela era filha de uma escrava mulata e um feitor branco e conforme o enredo era considerada branca. A narrativa contempla de forma clara como os estigmas foram produzidos e faziam parte da representação na sociedade do enredo.

Em Isaura, o estigma não estava na cor da pele e sim na sua condição social. Em relação ao conceito estigma Goffman observa que:

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que deveria ser evitada principalmente em lugares públicos. (GOFFMAN, 1998, p. 11)

26

O estigma está relacionado a uma depreciação do corpo de homens e mulheres, mas Isaura é branca e se destaca pela sua beleza e virtudes pessoais (bela e nobre figura de moça) cujo detalhe maior fica por conta do rosto (pele nívea e maçãs rosadas), cabelo, colo, tez, a pele, a elegância, a formosura, singeleza e então seu corpo é depreciado em relação à posse escravista. Nos versos da narrativa a própria personagem reforça sua condição:

Desd’o berço respirando
Os ares da escravidão
Como semente lançada
Em terra da maldição [...]

Os meus braços estão presos,
A ninguém posso abraçar
Nem meus lábios, nem meus olhos
Não podem de amor falar [...]; (GUIMARÃES, 2010, p. 10-11)

Isaura narrava assim os seus sofrimentos e não acreditava em mudanças na sua condição de escrava. “Já que tive a desgraça de nascer cativa, não era melhor que tivesse nascido bruta e disforme, como a mais vil das negras, do que ter recebido do céu estes dotes que só servem para amargar-me a minha existência? (GUIMARÃES, 2010, p. 48)

Sobre a própria narrativa da personagem se percebe que a informação social ocorre sobre as características mais ou menos permanentes de um indivíduo, porém cabe observar que:

[...] Essa informação, assim como o signo que a transmite, é reflexiva e corporificada, ou seja, é transmitida pela própria pessoa a quem se refere através da expressão corporal na presença imediata daqueles que a recebem. [...].(GOFFMAN, 1998, p. 52-53)

Observa-se em Isaura que o comportamento passivo era esperado para as mulheres escravas. Isto implicava em continuamente não esquecer o lugar social conforme destaca o poema cantado por Isaura: “Cala-te, pobre cativa;/ teus queixumes crimes são,/ é uma afronta este canto,/ que exprime tua aflição./ A vida não te pertence,/ não é teu teu coração.” (GUIMARÃES, 2010, p. 11) Ou ainda nesta sua narrativa: “[...] Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?...São trastes de luxo colocados na senzala do africano [...]” (GUIMARÃES, 2010, p.11)

A narrativa da obra de Guimarães centra-se na vida de Isaura, uma escrava educada nos moldes burgueses conforme a educação do período preconizava enquanto ação para as mulheres, porém vitimizada pelos desejos incesantes do personagem Leôncio, herdeiro dos negócios do pai e dono da escrava Isaura. A vitimização é vista como destino da escrava. A violência a qual a própria Isaura se refere lembra que a experiência com o trato com os escravos impunha a violência como legítima para conservar a obediência e a submissão. Lara lembra que “A violência do senhor, era vista como castigo, dominação. A do escravo, como falta, transgressão, violação do domínio senhorial, rebeldia. (LARA, 1988, p. 21)

Com a campanha pela abolição como pano de fundo, o romance prende os leitores pela idealização romântica. Devido a isso este escrito cativou um público ávido por histórias cujo final envolvia a liberdade tanto do cativo como da escolha de um par amoroso.

Essa narrativa também encantou o público feminino, pois na literatura de ficção abriam-se linhas de fuga para a idealização da felicidade amorosa e conjugal. A sociedade do século XIX prescrevia os passos para as mulheres da burguesia e assim elas geralmente saíam às ruas acompanhadas e em determinadas ocasiões. O espaço doméstico era quase um destino dedicando-se a bordar, coser, organizar a casa, tocar piano, cantar e ler. Isaura fora educada neste modelo conforme percebe-se neste excerto: “[...] voz melodiosa, suave, apaixonada, e do timbre o mais puro e fresco que se pode imaginar (...) Se não é sereia, somente um anjo pode cantar assim.” (GUIMARÃES, 2010, p.8- 9). “O tom velado e melancólico da cantiga parecia gemido sufocado de alma solitária e sofredora”. (GUIMARÃES, 2010, p. 8).

O sucesso desta obra deve-se em parte ao fato de que os leitores se identificaram com as desventuras e sofrimentos de Isaura, uma escrava branca e educada. (CÂNDIDO, 2006) O autor pôde, assim, demonstrar, através do sofrimento da escrava, os mecanismos construídos para a distinção social que provém do nascimento e da riqueza. Neste sentido, o narrador destaca:

Parece que Deus de propósito tinha preparado aquela interessante cena, para mostrar de um modo palpitante quanto é vã e ridícula toda distinção que provém do nascimento e da

riqueza, e para humilhar até o pó da terra o orgulho e fatuidade dos grandes, e exaltar e enobrecer os humildes de nascimento, mostrando que uma escrava pode valer mais que uma duquesa. (GUIMARÃES, 2010 p. 105-106.)

Possivelmente a cor de Isaura facilitou a paixão compreensiva de Álvaro e o desposamento. Este consegue no final do enredo libertar a personagem de sua escravidão e das múltiplas violências exercidas por Leôncio. Eis a fala de Álvaro:

Pobre Isaura! - disse Álvaro com a voz comovida, estendendo os braços à cativa. - Chega-te a mim... Eu protestei no fundo de minha alma e por minha honra desafrontar-te do jugo opressor e aviltante, que te esmagava, porque via em ti a pureza de um anjo, e a nobre e altiva resignação de um mártir. Foi uma missão santa, que julgo ter recebido do céu, e que hoje vejo coroada do mais feliz e completo resultado. Deus enfim, por minhas mãos vinga a inocência e a virtude oprimida, e esmaga o algoz. (GUIMARÃES, 2010, p. 154)

Este excerto observava as múltiplas violências exercidas contra Isaura, entre elas a violência sexual e simbólica, além de física. O pai de Leôncio exerceu violência sobre a mãe de Isaura e esta, por não ceder aos desejos foi castigada com trabalhos árduos e suplícios. “Acabrunhado por ela das mais violentas e amargas exprobações, o comendador não ousou mais empregar a violência contra a pobre escrava”. (GUIMARÃES, 2010, p. 15). A mãe de Isaura envolveu-se com o feitor que sempre lhe tratava bem e assim a concebeu, mas seu dono em vingança exauriu suas forças em penosos trabalhos o que levou a sua morte. Isaura então atrai a atenção da esposa de comendador que a criou da mesma maneira que as demais moças livres.

No romance, a violência é apenas exercida pelos homens e as mulheres em sua maioria possuem uma bondade natural e uma candura do coração. Aqui torna-se importante ressaltar que no emprego histórico da palavra violência, o substantivo deriva da mesma palavra latina *vis*, que significa a força exercida contra alguém. No plural *vis* designa os órgãos sexuais do homem e as forças militares. Estes verbetes criam um conjunto de significados relacionados entre si, formando um campo de sentido que resume-se no uso da força contra a liberdade. Assim, possuir o órgão sexual masculino e a posse de escravos justificava naquele meio o emprego da força física contra alguém. Mas nem todos os homens eram violentos no romance, porém os que exerciam a violência tinham poucos empecilhos para fazê-lo.

Em termos descritivos, a violência pode ser sinônimo de força ou uma alteração danosa do estado físico de indivíduos ou grupos. (BOBBIO, 2004, p. 1292) Chauí estende sua análise ao sentido afirmativo do plural *vis* para a força sexual dos homens e negativo quando essa força sexual se volta contra as mulheres, processo exemplificado nos estupros. (CHAUI, 2006, p. 118) Percebe-se aí também uma associação entre a violência e a masculinidade. Assim o uso da violência estava à disposição de Leôncio, pois “[...] Isaura era propriedade sua, e quando nenhum outro meio fosse eficaz, restava-lhe o emprego da violência.” (GUIMARÃES, 2010, p. 19)

No romance, a linguagem constrói a violência como brutalidade abusiva em ambiente de opressão e medo. Também aparece como forma de comportamento e de sentimento, ou seja, como paixão incontrolável, como ação de uma pessoa fora de si (Leôncio) e a partir daí, perigosa.

Em resumo, a narrativa apresenta a violência aparece como ausência de medida, como a perda de limites e fronteiras e por isso devasta a natureza, o corpo, o espírito e a sociedade. Neste sentido, se observa no romance que determinadas medidas e limites estão relacionados a julgamentos daquilo que era considerado violento ou não. Esta narrativa aponta para diferentes sentidos e critérios para definir a margem injusto e justo e na própria identificação da violência com a força e masculinidade.

Como o romance constrói a masculinidade? Sabe-se que a conceituação da masculinidade na cultura ocidental é de que o masculino é ativo, sobretudo em relação as práticas sexuais. Mas a masculinidade dominante não se relaciona apenas ao ato sexual ativo e sim há várias outras caracterizações como a hiperatividade e o domínio das relações entre os gêneros. No romantismo permite-se a entrega emocional masculina por um ideal, mas que não implica na irrupção de ações violentas e sim no controle das pulsões.

Em relação às construções corporais generificadas e o uso da violência, Betty Friedan ao se reportar aos estudos de Margareth Mead observou em três sociedades uma enorme plasticidade. Em Arapesh os homens e as mulheres cuidavam dos filhos e dos afazeres domésticos e ambos eram educados para não serem agressivos na personalidade e na sexualidade. Em Mundugumor mulheres e homens eram violentos e em Tchambuli a mulher era dominante nas decisões societárias e o homem menos responsável. (FRIEDAN, 1971, p. 119-120) Portanto, estes estudos corroboram na assertiva de que a anatomia não é o destino. Isaura tinha clareza desta questão como se observa no romance, mas as expectativas sociais para uma mulher escrava não corroboravam com isso.

Isaura percebia as imposições morais sobre o corpo feminino, o recato e a subserviência como atitudes esperadas para ela. Apenas os homens tinham atitudes consideradas socialmente ativas. Nesta perspectiva, a masculinidade pode ser entendida como:

[...] algo dinâmico em relação com os ideais societários dos quais faz parte e que ajuda a constituir-los do mesmo modo que este a ela. Sua face social aparece ao agente como um lugar simbólico, transcendente, mas ela vive inscrita nos corpos, nas posturas, nos juízos de gosto e percepções dos agentes, como lugar imaginário de sentido estruturante, participando de seus processos de subjetivação e sendo continuamente reatualizada nas vivências interacionais masculinas. (OLIVEIRA, 2004, p. 255)

Welzer-Lang também reforça que a divisão do mundo na qual se atribui aos homens e ao masculino as funções nobres e às mulheres e ao feminino as tarefas e funções afetadas de pouco valor é também regulada por violências:

[...] violências múltiplas e variadas as quais – das violências masculinas domésticas aos estupro de guerra, passando pelas violências no trabalho – tendem a preservar os poderes que se atribuem coletivamente e individualmente aos homens à custa das mulheres. (WELZER-LANG, 2001, 463)

Estes poderes associados à construção da masculinidade e a posse da violência podem ser percebidas nesta narrativa sobre Leôncio: “[...] achara, desde a infância, nas larguezas e facilidades de seus pais amplos meios de corromper o coração e extraviar a inteligência.” (GUIMARÃES, 2010, p. 13.) E seguem as caracterizações masculinizantes para Leôncio: “Alguns bons e generosos

instintos, de que o dotara a natureza, haviam-se apagado em seu coração ao roçar as péssimas doutrinas confirmadas por exemplos ainda piores.” (GUIMARÃES, 2010, p. 14) E sobre o caráter do personagem assim se narra: “Leôncio olhou para o casamento como o meio suave e natural de adquirir fortuna.(...) (GUIMARÃES, 2010, p. 14). E assim contemplava a esposa: “(...) ela não deixava de ser um poderoso estorvo ao menos contra os atos de violência, que quisesse por em prática para conseguir seus execrandos fins.” (GUIMARÃES, 2010, p. 56).

Os atos de violência de Leôncio também seguem suas pulsões sexuais através do emprego do suplício: “O violento e cego amor que Isaura havia lhe inspirado, o incitava a saltar por cima de todos os obstáculos, a arrastar todas as leis de decoro e da honestidade, a esmagar sem piedade o coração de sua meiga e carinhosa esposa, para obter a satisfação de seus frenéticos desejos.” (GUIMARÃES, 2010, p. 52)

Aqui o narrador incita o desfecho trágico da obra: (...) Sua imprudência ia ser causa da mais deplorável discórdia no seio daquela família, discórdia, de que por fim de contas ela viria a ser a principal vítima. (GUIMARÃES, 2010, p. 25) Essa tragédia se deve a: “(...) um amor sem limites, um amor que me levará à loucura ou ao suicídio.” (GUIMARÃES, 2010, p. 59)

Na citação que segue percebe-se que Leôncio não mediu esforços para atingir seus objetivos:

[...] esgotou todos os meios brandos e persuasivos ao seu alcance para convencer a rapariga que era do interesse e dever dela render-se aos seus desejos.(...) e ele ouviu dela (...) senão palavras amargas, e terríveis exprobações (...) (GUIMARÃES, 2010, p. 57)

O personagem Leôncio promoveu o espetáculo do suplício acorrentando a escrava e assim o autor apresenta uma parte dos instrumentos usados para supliciar e aviltar Isaura posta sob o domínio senhorial.

Em sua obra “Vigiar e Punir”, Michel Foucault trata sobre a questão do “corpo supliciado”, o corpo de quem sofre pela dor como forma de punição pelos crimes que lhe foram imputados ou que de fato, cometeu. No contexto do Brasil escravocrata, o suplício dos escravos revela esse atavismo de violência. Isaura é um dos exemplos literários que registra esse processo de violência infame contra o corpo, como também o coloca na condição de elemento mortificado pela sociedade da época.

Em sua obra, Foucault parte da premissa de que a “alma” livrou o corpo do suplício e das torturas, ou seja, o castigo físico que era aplicado como forma de punição aos crimes e más-condutas foi retirado da sociedade disciplinar. Pode-se dizer que o castigo deixou de ser aplicado ao corpo para ser deslocado para a alma, forma incorpórea e pertencente ao platônico universo das ideias. No caso do Brasil escravocrata Leôncio tenta inicialmente supliciar fisicamente Isaura, mas nas últimas tentativas tenta atingir a consciência daquela que deve ser condenada.

Rogério Ivano, no artigo “O corpo supliciado: dores e horrores da escravidão negra na literatura brasileira (1871-1895)”, apresenta a seguinte discussão sobre o tema:

Enquanto dura esta ‘economia do castigo’ o suplício toma o corpo enquanto objeto da repressão penal. O corpo supliciado é resultado de um regime punitivo em que nem o capital e nem a produção encontram-se plenamente desenvolvidos; onde estão pouco ou parcialmente implantados, o corpo é mostrado como espetáculo público de uma ordem que faz desse mesmo corpo um objeto de posse. Historicamente, é o momento em que o corpo é um dos maiores bens que um sujeito pode desejar e adquirir. Patriarcal e escravista, a sociedade brasileira que se capitaliza no século XIX faz do corpo sua grande propriedade, ‘coisa’ que deve ser submetida a força de trabalho, que deve ser vergada para ajustar-se à ordem da exploração compulsória. (IVANO, 2009, p.2)

Na literatura do período, existem uma série de romances que demonstram o corpo supliciado que surge como um espetáculo, palco de uma justiça infame a qual estava presente na sociedade escravocrata. Nesse universo, o suplício aparece como uma espécie de elemento de ligação unindo a casa grande e a senzala, ao mesmo tempo em que envenena as relações sociais.

O corpo do cativo e de sobremaneira da cativa aparecem como um território onde se travam lutas pelo poder de dominação constituindo espaço para a perpetração de práticas de inúmeros tipos de violência, tanto física quanto simbólica conforme se observa neste excerto o poder de Leôncio: “E já não era o amor ou a sensualidade que o arrastava; era um capricho tirânico, um desejo feroz e satânico de vingar-se dela e do rival preferido. Queria gozá-la, fosse embora por um só dia (...) demonstrar poder frente ao rival, entregar ela a ele impura.” (GUIMARÃES, 2010, p. 131)

Nesse contexto qualquer tipo de insubordinação deverá ser punido, porque fere uma ordem que é antes de tudo moral, mas também prejudicial ao patriarcado rural em termos econômicos. O escravo pode ser considerado como uma espécie de “não-ser”, pois o senhor dispõe dele integralmente e em todos os sentidos. Neste sentido, a própria Isaura expressa essa sua condição, pois percebia as violações pelas quais passava e mesmo assim não dispunha de dispositivos de resistência devido às amarras impostas pela escravidão, conforme a sua fala: [...] apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.” (GUIMARÃES, 2010, p. 11).

O romance de Bernardo Guimarães demonstra essa questão de forma preponderante. Sobre o assunto, comenta Ivano que:

O romance de Bernardo Guimarães não vai muito além dos cômodos luxuosos de uma casa grande ou de um salão de festas da sociedade senhorial, indo vez ou outra à senzala. Indica, quase ao acaso, o que se passa na região de Campos dos Goitacases, Rio de Janeiro, a época em que o café fazia a fortuna e os infortúnios dos homens, fossem fazendeiros, escravos, libertos ou capitalistas. É o cenário histórico de um país à beira da capitalização – materializada na construção de ferrovias, estradas, melhores portos, em produtos importados e investimentos financeiros -, mas ainda agrário e escravocrata, monocultor e possuído pelos latifúndios. Senhores e escravos multiplicam-se à sombra dos cafezais, marcando profundamente o romance, a paisagem e a personalidade de todo o lugar a que avançam. A cafeicultura se alastra, fazendo render a propriedade de terras e de homens. E os senhores, embora retratados como seres ociosos e perdulários, sabem do valor que tem cada minuto da vida do escravo. (IVANO, 2009, 3)

O espetáculo do corpo supliciado nos romances brasileiros que retratam o ambiente da escravidão apresentam a violência como um acontecimento costumeiro, onde a reação varia de acordo com a dramaticidade da cena descrita e com as técnicas e instrumentos utilizados para supliciar o corpo dos escravos. Os romances demonstram, (e entre eles está *Escrava Isaura*), que os

senhores possuíam uma imensa necessidade de manter a ordem escravocrata, e para tanto se utilizam de quaisquer objeto ou técnica que lhes permitissem executar o castigo. Neste sentido Isaura reforça: “Acabrunhe-me de trabalhos, condene-me ao serviço mais grosseiro e pesado, que a tudo me sujeitarei sem murmurar; mas o que o senhor exige de mim, não posso, não devo fazê-lo, embora deva morrer.” (GUIMARÃES, 2010, p. 61).

Cabe salientar que a utilização dessa violência e do castigo que lhe apresenta um aspecto de sofrimento quantitativo, que varia conforme o valor moral ou econômico de cada ato tido por criminoso ou injurioso. No romance *Escrava Isaura*, a violência simbólica está expressa nas atitudes e sentimentos esperados para Isaura como, por exemplo, o recato, a docilidade, subserviência e atividades restritas ao lar e salões. Isto é perceptível nesta fala de Leôncio: (...) E tem razão; Isaura é como um traste de luxo, que deve estar sempre exposto no salão. (...) (GUIMARÃES, 2010, p. 20). Esta assertiva implicava em violência simbólica.

Para Bourdieu (1998, p. 16), a violência simbólica é suave, insensível, invisível e dificilmente é percebida pelas suas vítimas porque se reproduz no cotidiano através de gestos, sentimentos, emoções, linguagem e cor da pele, além de criar modos de ver o mundo cada vez mais nivelados e homogeneizados. O autor reforça esta premissa no seguinte excerto:

Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou maneira de falar), de um estilo de vida (ou de uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele. (BOURDIEU, 1999, p. 8)

A violência simbólica segundo Bourdieu torna-se possível quando suas vítimas a aceitam através do conhecimento e, principalmente, do reconhecimento e, em última instância, dos sentimentos. Estabelece-se uma correlação de forças na qual a maneira de ver o mundo é imposta e adquire estatuto de verdade. (1999, p. 7-11)

Mas percebe-se que na narrativa se construíam fissuras nas quais Isaura tinha clareza das possibilidades de resistência frente às expectativas criadas para uma mulher escrava como objeto de desejo e sem liberdade para decidir quem amar. Isso se expressa no seguinte excerto: “Dê-me a faca, meu pai; eu não usarei dela senão em caso extremo; quando o infame vier lançar-me as mãos para deitar-me esses ferros, farei saltar meu sangue ao rosto vil do algoz. (sei matar, mas não atacar...)” (GUIMARÃES, 2010, p. 63). Mesmo com a fuga, Isaura foi encontrada por Leôncio e considerada presa. Neste momento, a personagem opta por sacrifícios e até pelo suicídio. Restava-lhe o poder de retirar sua vida até o último suspiro.

O romance tendeu a reforçar que a violência ligava-se a escravidão e a liberdade livraria as ex-mulheres escravas do jugo masculino. Séculos a seguir mostraram que a violência continuou contra as mulheres e que novas Isauras entravam em cena nas tristes estatísticas de violência. Por fim, as diversas questões que emergem nas páginas deste romance inspiram as mais diferentes pesquisas sobre as relações de gênero. A simpatia pela personagem corresponde ao entendimento de que as emoções, sensibilidades, paixões, conflitos e aflições exigem um lugar em que possam ser

reconhecidas e ser visíveis. A condição social construída para as mulheres e, por vezes, o sofrimento de toda ordem destas mulheres teve uma trajetória na experiência humana. Dividir, classificar, restringir espaços e comportamentos e opor seres humanos pela invenção do sexo data de vários séculos.

Para mulheres como Isaura, as angústias e todas as formas de sofrimento desorientam, derrota desejos e as tornam infelizes. O romance ao dar visibilidade às angústias, raivas e sofrimentos da protagonista também estava próximo a assumir as dores alheias de outras mulheres. Mas porque o autor se enveredou por esse caminho? Talvez para mostrar que a sociedade não se importa com certo tipo de sofrimento, que a infelicidade das mulheres veio de algum outro lugar e de que a dor deriva do mandamento divino que nos obriga a ignorar estas situações. Ser respeitoso nestas situações conflitantes talvez espreite por baixo das portas da história o que a rompe e a agita.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teorias da História. São Paulo: Edusc, 2007.

ARENDDT, Hannah. Sobre a Violência. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1994.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, N., PASQUINO, G. Dicionário de Política. 12 ed. Brasília: UnB, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Über die Vorherrschaft des Mannes: ein Musterbeispiel für symbolische Gewalt. In: Le Monde Diplomatique. August, p. 16, 1998.

CÂNDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro : Ouro sobre o azul. 2006.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro : Bertrand do Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. Simulacro e Poder: uma análise da mídia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

DEL PRIORE, Mary (org.) História das Mulheres no Brasil. São Paulo : Contexto, 1997.

FARGE, Arlette. Violência. In: BURGUIÈRE, André. Dicionário das Ciências Históricas. Rio de Janeiro: Imago, p.771, 1993.

FILHO, Luciano M. de Faria; CRUZ E ZICA, Matheus da. Masculinidades e experiências masculinas em Bernardo Guimarães. In: Cadernos Pagu, n.34, Sao Paulo: Campinas, jan/ jul p. 179-208, 2010.

FONSECA, Maria N. Soares. Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, M. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: MOTTA, M B. da (org.). Coleção Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. 9 ed, Petrópolis: Vozes, 1991.

FOUCAULT, M. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.

FRIEDAN, Betty. A Mística Feminina. Rio de Janeiro : Vozes, 1971.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo : LTC, 1998.

GOMES, Heloisa Toller. O Negro e o Romantismo Brasileiro. São Paulo : Atual, 1988.

GROSSI, Miriam; HEILBORN, Maria Luiza e RIAL, Carmen. “Entrevista com Joan Wallach Scott”. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, v. 6, p. 114-125, n. 1/1998.

IVANO, Rogério. O corpo supliciado: dores e horrores da escravidão negra na literatura brasileira. In: Histórica, Revista Eletrônica do arquivo do Estado. N. 36, p. 1- 9, junho de 2009.

JUNIOR, Hilário Franco. Idade Média: o Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1999.

KUN, Cornelia. Ende des Schrekens,303 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Carl von Ossietzky Universitat, Oldenburg, 2005.

KRAMER, Lloyde S. Literatura, crítica e imaginação histórica. O desafio Literário de Hayden White e Dominick La Capra. In: HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, p. 131-173,1992.

LARA, Silvia Hunold. Campos da Violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. A Construção Social da Masculinidade. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara(org). História e Literatura: identidades e fronteiras. Uberlândia: Edufu, p. 159-283, 2006.

SANTOS, W. De Almeida. (org.) Outras e outros na literatura brasileira. Rio de Janeiro : Caetés, 2001.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro : Difel, 2009.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do Masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: Revista Estudos Feministas. n. 2, vol. 9. Florianópolis: UFSC, p. 460-482, 2001.